



40

Psicanálise e Psicopedagogia: a aprendizagem do sujeito aprendente

Ana Virginia Aragão Dantas Parente

Julho de 2011

UNIVERSIDADE LUSÓFONA
| Instituto de Ciências da Educação



Ana Virginia Aragão Dantas Parente
Instituto Superior de Teologia Aplicada - INTA - Fortaleza

Psicanálise e Psicopedagogia: a aprendizagem do sujeito aprendente

Resumo

O presente trabalho explora alguns dos aspectos mais significativos da aprendizagem e das possíveis dificuldades do aprendente no ato de aprender, colocando a relação do saber como fator integrador entre ensinante – aprendente e aprendente – ensinante no âmbito de uma instituição escolar. O repertório explorado abarca a Psicanálise como enfoque investigativo tanto da vida intrapessoal como da interpessoal desse aprendente. Mediante à contribuição da Psicanálise à Psicopedagogia frente aos transtornos de aprendizagem surge o sujeito desejanste do saber no processo de aprendizagem. Considerando as várias dimensões utilizadas para atingir soluções para os transtornos de aprendizagem, o professor é o meio pelo qual o aprendente supõe alcançar este saber. Contudo, o conhecimento adquirido pelo o aprendente não é considerado como o ideal, ficando sempre algo a ser satisfeito. Diante dessa insatisfação, poderá ocorrer o transtorno ou a dificuldade de aprender, considerando que frente à presença de maiores dificuldades, diminuem os níveis de satisfação de aprendizdo ao mesmo tempo que diminui o desejo de aprender. É nessa ‘fratura’ no processo de aprendizagem que entra o psicopedagogo com propostas de intervenção, trabalhando não só a ‘falta’, mas a reintegração do desejo de saber. No desenvolver do artigo tecem-se algumas reflexões e propostas de intervenção, focalizando não apenas os transtornos e as dificuldades, mas a formação global do aprendente no seu todo.

Palavras-chave: Aprendizagem; Transtorno; Sujeito; Aprendente-ensinante; Desejo; Saber.

Psychoanalysis and Psychopedagogy: learning subject of learner

Abstract

The present work explores some of the most meaningful aspects of the learning process and the possible difficulty of the individual who is learning putting that process of knowing has a integrate factor between Teacher - Student and Student - Teacher inside a School institution ambient. The explored report includes Psychoanalysis with a questioning focus inside the learner's life in an interpersonal aspect as well has in intrapersonal. Doing to the psychoanalyses contribution fronting some disorders of the learning process the individual wanting that knowledge emerges inside the learning process. Putting in perspective several dimensions used to achieve solutions to the disorders of learning, the teacher is the way which the learner will or intent to use to get that knowledge. However, the learner's knowledge to himself it's not considered ideal, standing always has something to be satisfied. In front of the dissatisfaction, the difficulties might appear in the learning process. However, in front of bigger difficulties, the dissatisfaction levels are reducing as well as the willing to learn. It's that "fracture" inside the learning process which fits the psychoanalysis professional with intervention proposals, working not only the lack, but also the reintegration of the willing to know. On the development of the research some reflections and proposals of interventions are explored, taking not only the difficulty, but also the global formation of the learner in his wall.

Keywords: Learning; Conflicts; Person; Teacher-Student; Wanting; Knowing.

1. Introdução

Desde os primeiros textos sobre as dificuldades e os transtornos de aprendizagem na Educação, Freud pensava na possibilidade da Psicanálise contribuir com a Educação tentando resgatar no sujeito o prazer de aprender. Freud acreditava tornar possível uma conexão entre as áreas de Educação e Psiquê, porque pensava nos determinantes psíquicos que levam alguém a ser um desejante de saber. Desse pensamento psicanalítico foi despertada a possibilidade da Psicanálise colaborar com a Psicopedagogia que estuda as dificuldades de aprendizagem do aprendente. Através dos textos de Freud, foi surgindo o interesse pelo estudo sobre o objeto teórico da Psicanálise e o objeto teórico da Psicopedagogia, os quais são respectivamente o sujeito e o ser cognoscente, tendo como resultado dessa união o sujeito desejante na formação do saber.

Diante desses transtornos de aprendizagem, a Psicopedagogia, com o olhar psicanalítico, investiga o que acontece com o aprendente durante as etapas do processo de aprendizagem. Após a investigação serão conhecidas as dificuldades ou transtornos que impossibilitaram o aprendente de aprender, possibilitando ao Psicopedagogo intervir durante as atividades do aprendente, no jogar, no desenhar, na escrita, na leitura, utilizando as técnicas necessárias para diminuir a insatisfação e aumentar o desejo de aprender. Considerando o aprendente um ser desejante em aprender, a satisfação da compreensão do conhecimento desperta no aprendente o prazer de querer saber. Na intervenção da Psicanálise junto à Psicopedagogia será possível perceber o quanto essas duas ciências podem contribuir investigando as fraturas e faltas que conduziram o aprendente ao atrape no ato de aprender.

O objetivo deste artigo é identificar a contribuição mútua possível entre Psicopedagogia e Psicanálise frente aos transtornos de aprendizagem, mostrando os meios que favoreçam e possibilitem o ato de aprender.

A explanação sobre as articulações teóricas entre Psicanálise e Psicopedagogia sobre a Metodologia da pesquisa serviu para que se tornasse possível compreender os caminhos que foram trilhados até chegar a este momento. A leitura sobre a aprendizagem no sujeito e no ser cognoscente é feita a partir dos referenciais psicanalíticos contribuindo com a Psicopedagogia para minimizar ou então cessar os transtornos da aprendizagem. Porém, é importante deixar claro que esta pesquisa vem a somar contribuições sobre o processo clínico, ela não encerra a temática e, por isso, não pretende fechar a possibilidade de novas interpretações.

2. O ser da aprendizagem

Delinear o que parece praticamente impossível é um trabalho muito árduo que vai muito além de simples esboços. A criação de novos laços entre a Psicanálise e a Psicopedagogia faz resgatar uma educação não mais como a repetição do óbvio, mas, a educação como um processo de criação, que vai muito além da simples adaptação do sujeito à cultura. Uma criação que implica na transformação dos próprios contextos culturais. A cultura está relacionada com as normas que a Educação estabelece às instituições escolares. É observar se o contexto estabelecido pela Educação condiz com o meio social que o aprendente está inserido. Essa observação primária é importante para a aprendizagem do aprendente. Outro fator importantíssimo da aprendizagem é quem ensina. O ensinante deve saber interpretar o processo de construção do aprendente, podendo identificar, nesse momento, se existe alguma dificuldade ou transtorno.

A Psicanálise pode contribuir com as patologizações dos problemas de aprendizagem interferindo na maneira de como se ensina e como se aprende esse conteúdo do saber. No entanto, Freud, por sua própria posição frente ao conhecimento, gostava de pensar nos determinantes psíquicos que levam alguém a ser um “desejante de saber”.

As principais contribuições da Psicanálise à Psicopedagogia abrangem fundamentalmente o funcionamento e a dinâmica da estrutura da personalidade, o modo como cada indivíduo lida com seus impulsos e desejos (função do id), a maneira que cada aprendiz lida com a percepção de si (função egóica), o modo como a criança, o adolescente ou o adulto lidam com seus objetos internos, o modo como cada pessoa valoriza ou não seus objetos internos (função superegóica) e a maneira como valoriza e aproveita seus valores adquiridos de seus pais, professores, amigos, etc. A Psicanálise auxilia o psicopedagogo a dar um significado maior ao vínculo e à relação com o indivíduo que ele atua.

A contribuição da Psicanálise à Psicopedagogia busca resgatar o que de mais importante aconteceu ao longo de várias décadas dentro das conexões entre Psicanálise e Educação, uma educação que vai muito além do processo repressivo, inibitório, e da educação com uma máscara de controle. O professor como criador e não meramente como imitador ou detentor do saber: “Ser professor: desafiar os limites em vez da busca por controle, pode-se propor um professor sedutor que desperta ou refina uma sensibilidade” (Bacha, 2003, pp. 14-15).

Quanto mais se prova a mistura dos temperos da Educação e dos educadores, mais se confere a importância de se ir além do que se vê. De se sair de uma proposta entificadora proposta pelo Outro para uma outra que sabe da importância do sujeito, da importância do real. Bacha menciona o professor como um mestre-cuca, um semblante interessante, um semblante saboroso.

Perante uma Educação amorfa de educadores apáticos e alunos desinteressados, resta o poder do tempero, o poder do paladar, o poder do mestre-cuca.

A psicanálise não pode ser simplesmente alinhada como mais uma teoria do desenvolvimento e da aprendizagem na formação de professores como se apenas prolongasse a própria visão que a escola tem de si. Ela subverte nossas escolas, conventos, revelando a dimensão estética da educação e da existência humana, que nos faz tão ligados ao prazer, violando a lei religiosa que está na base da fundação da educação moderna pelos jesuítas (Bacha, 2003, p. 15).

Como olhar esse sujeito do saber, ou seja, o ser cognoscente para minimizar os transtornos de aprendizagem na psicopedagogia?

A especificidade do diagnóstico psicopedagógico está além do olhar através da lente do aprender. Os instrumentos que se utilizam na leitura de produção são própria da atividade psicopedagógica. O diagnóstico psicopedagógico de uma criança busca responder a interrogações particulares em relação à aprendizagem. Por que não aprende? O aprendente traz recursos próprios da realidade em que vive, precisa da significação do conhecimento para aprendizagem e da investigação do aprender imaginário que foi designado por seus pais em relação ao aprender e à posição do aprendente em relação ao não dito.

A resposta à interrogação sobre “por que não aprende” não é o suficiente. Encontram-se nos diagnósticos explicações sobre a origem de cada transtorno de aprendizagem, e só a organicidade não determina e não explica o problema de aprendizagem, apesar de que o organismo alterado torna-se mais fácil ao alojamento. A Psicanálise busca respostas a essas interrogações acima através da escuta desse aprendente o qual não foi estimulado para ter prazer em aprender, e sim para aprender o que estabelece a política educacional.

3. A intersecção entre o aprender e o jogar no processo do diagnóstico interventivo

Não se pode falar de conhecimento sem fazer a intersecção entre o aprender e o jogar. Não pode haver construção do saber, se não se joga com o conhecimento. Ao se falar de jogo, não se está fazendo referência a um ato, nem a um produto, mas a um processo. E é no seio

deste processo que o psicopedagogo irá observar e/ou intervir na construção da criação, a possibilidade de transformar o objeto, de acordo com a experiência de cada um, e por sua vez deixar-se transformar pela inclusão desse objeto.

O diagnóstico é um processo que permite ao profissional investigar, levantar hipóteses provisórias que serão ou não confirmadas ao longo do processo de intervenção recorrendo, para isso, a conhecimentos práticos e teóricos. O diagnóstico psicopedagógico é a base que dará suporte ao psicopedagogo para que este faça o encaminhamento do aprendente ao profissional necessário, se for preciso. Diagnóstico é a investigação, a análise e a objetiva dos dados coletados concluindo sobre as condições da realidade (recursos, materiais disponíveis, análise dos fatos) do aprendente. No espaço em que se observam as atividades psicopedagógicas do aprendente, concomitantemente interpreta-se como o aprendente está se expressando e como se relaciona com o objeto e materiais disponíveis. No momento do diagnóstico poderão ser utilizados diversos materiais: anamnese, testes, caixa lúdica, desenhos, recortes, jogos etc.; que auxiliam na investigação e na intervenção do processo psicopedagógico. Constatando a dificuldade ou transtorno, o psicopedagogo interferirá na causa – efeito que impede ao aprendente aprender, utilizando atividades necessárias no processo do atendimento.

Para se tratar de decifrar no diagnóstico o desejo do saber - não saber, conhecer - desconhecer e suas diferentes articulações e mobilidades, é preciso desvendar e conhecer os particulares nós e travas presentes no sintoma do aprendente, com os quais se interpretam a etiologia dos problemas de aprendizagem que poderão apresentar-se no organismo, no corpo, na inteligência e no desejo, onde se encontram traços e desenhos da significação do aprender. “Esta investigação permanece durante todo o trabalho diagnóstico através de intervenções e da escuta psicopedagógica, para que se possa decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção” (Bossa, 2000, p. 24).

De acordo com Alicia Fernández (1991), aprender põe em jogo quatro níveis: orgânico, corporal, intelectual e simbólico; portanto, o aprendente requer um acompanhamento interdisciplinar cujas diferentes opiniões são necessárias para articular um diagnóstico psicopedagógico.

Ainda coloca Fernández (1994, p.68) “para que o conhecimento seja aprendido deve ter a significação de algo bom que uma pessoa tem para dar a alguém que é único, original e significativo para outro”.

O objetivo básico do diagnóstico psicopedagógico é identificar os desvios e os obstáculos básicos no Modelo de Aprendizagem do sujeito que o impedem de crescer na

aprendizagem dentro do esperado pelo meio social. O diagnóstico possui uma grande relevância tanto quanto o tratamento. Assim sendo, se deve fazê-lo com muito cuidado, observando o comportamento e mudanças que auxiliarão o psicopedagogo no ato da intervenção desse aprendente.

A psicopedagogia precisa de uma equipe multidisciplinar para auxiliar e compartilhar os problemas de transtornos de aprendizagem, com o objetivo de ampliar seu ângulo frente à Educação, minimizar essas dificuldades do ser cognoscente, facilitar a busca do saber sem repressão e o gozo de aprender brincando. Na atuação da Psicopedagogia clínica, a contribuição da Psicanálise despertará quando, no diagnóstico e/ou na intervenção da práxis psicopedagógica, tenha a Psicanálise que somatizar, buscando, investigando com a escuta e olhar psicanalítico de onde vem e porque essa dificuldade ou esse transtorno. A Psicanálise analisa, interpreta o que está por trás do aparente.

A intervenção psicopedagógica está direcionada a abrir espaços de autoria de pensamento não só pelas crianças a quem atende, mas também pelos adultos (pais e professores) que têm funções ensinantes. A intervenção psicopedagógica, quando assume a necessidade de intervir junto à família nuclear, deve cuidar para que nessas sessões estejam presentes todos os seus membros implicados no processo, de modo que não fique implícita somente a um dos pais a responsabilidade sobre o filho que manifesta o sintoma.

Assim, o trabalho psicopedagógico requer do especialista uma real percepção de si, de maneira a não se deixar levar pelos próprios valores durante a intervenção. Também requer do especialista sua postura frente à aprendizagem que terá grande influência sobre o trabalho com a família e na possibilidade de seus membros resignificarem e sentirem segurança em seus papéis de ensinante e aprendente.

A atuação psicopedagógica, enquanto protetora e facilitadora das relações, repercutirá em envolvimento na manutenção de um sistema familiar com uma saudável circulação do conhecimento, possibilitando o equilíbrio de poder entre seus membros, tendo clareza na definição de papéis e de limites.

Enfim, a intervenção psicopedagógica buscará não se limitar à compreensão da dificuldade, mas promoverá a aquisição de novos comportamentos que levem à sua superação.

Os aprendentes apresentam um déficit no jogar, em correlação com seu déficit na aprendizagem. A prática clínica nos demonstra, por outro lado, como ao instrumentar o brincar na intervenção, criando esse espaço compartilhado de confiança; pode-se ir modificando a rigidez ou estereotipia das modalidades sintomáticas de aprendizagem.

Nas tarefas realizadas no trabalho psicopedagógico o aprendente toma a noção de autor com o intuito de referir-se à sua autoria de pensamento, não só do discurso, mas também responde pelo que diz, faz ou escreve, pois se supõe que está em sua origem. Orlandi (1990 cit. por Fernández, 2001, p.97) coloca que “O sujeito só se faz autor se o que produz for interpretável; ele inscreve sua formulação no interdiscurso, [...] Porque assume sua posição de autor que produz um fato interpretativo. Aquele que só repete não o consegue”.

Tem-se que ficar atento na diferença entre o enfoque psicopedagógico e a análise de discurso. É que se dirige o olhar ao ato de produção, ao processo construtivo do autor e da obra sem se preocupar com o reconhecimento que o aprendente possa fazer de si mesmo a partir do ato de encontrar-se em sua obra.

Na busca de um olhar que não simplifique o que é complexo, e compartilhando o alerta de Edgar Morin (1996 cit. por Fernández, 1994) para a imperiosidade de perceber a unidade na diversidade e vice-versa, como psicopedagogo, deve-se procurar outros profissionais e teóricos na tentativa de “juntar” o que é inseparável. Portanto, na teia em que se constrói o ser aprendente, precisa-se aprender a olhar com objetividade-subjetiva, capaz de agregar informações, percepções e pessoas em direção da instrumentalização desse ser social – o ser cognoscente, para as necessidades da sua sociedade, do seu tempo e de suas especificidades.

O objetivo do trabalho psicopedagógico dirige-se a ajudar a recuperar o prazer perdido de aprender e a autonomia do exercício da inteligência, e esta conquista vem de mãos dadas com o recuperar o prazer de jogar. Para jogar, necessita-se de um outro, que irá intervir na dificuldade real do aprendente. No momento em que a criança mostra como joga ou como pode jogar, quer dizer, no momento da observação, do diagnóstico, está-se conhecendo suas dificuldades, e ao mesmo tempo possibilitando uma intervenção para minimizar suas angústias, suas ansiedades e seus desejos; fazendo-se mostrar seu potencial.

3. A aprendizagem e o investimento do outro

Freud (1907, cit. por Baccha, 2003, p.88), em *O Esclarecimento sexual das crianças*, apresentara um esboço da pedagogia que tem por objetivo a profilaxia das doenças mentais e cujos meios são o “esclarecimento” e a “liberdade sexual”.

Em seguida (1908), em “Psicanálise e Educação”, Ferenczi (1908, cit. por Baccha, 2003, p.88) se perguntaria sobre os “*ensinamentos práticos*” que a pedagogia poderia extrair

da investigação psicanalítica tendo em vista a profilaxia. A pedagogia é “*nociva*”, diz ele, porque “cultiva a negação das emoções e das idéias”, aparentando-se mais com a mentira.

A mentira que Ferenczi coloca faz pensar em que dimensão está a enfermidade desse ser cognoscente que é impossibilitado e impedido de aprender e que necessita de um psicopedagogo com uma intervenção psicanalítica para libertar seus desejos e liberar suas fantasias.

A psicopedagogia, ela se diferencia da pedagogia porque não se coloca indiferente às emoções e às idéias do ser cognoscente; ela não só olha o externo como também o que está por trás desse sujeito da aprendizagem. Segundo Neves (1991, cit., por Fernández, 1994, p. 58),

a Psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomada em conjunto. E mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos.

Os efeitos da repressão e a inibição da capacidade intelectual às influências educativas despertaram ainda mais as idéias expressas por Freud: é a moral sexual “civilizada” que esmaga o indivíduo. Essa educação tradicional substitui a “educação psicanalítica”. O objetivo da “educação psicanalítica” é, agora, a “liberação da fantasia”.

A aprendizagem é uma construção individual e interna, realizando-se num processo histórico, pessoal e social, dentro de um corpo investido de significação simbólica. As primeiras experiências, as primeiras relações e as primeiras percepções do mundo no qual foram inseridos serão significativas na construção do seu sistema cognitivo e afetivo e em seu desenvolvimento. Fernández (1994, cit. por Andrade, 2002, p.52) fala sobre aprendizagem, destacando a oposição entre o conhecimento, que é o objetivante em nível de consciência, e o saber subjetivante, que é inconsciente. Mediante esses opostos pode ocorrer uma aprendizagem com fratura correspondente ao resultado do significado no momento da construção da aprendizagem: “[...] a aprendizagem é a apropriação, a reconstrução do conhecimento do outro, a partir do saber pessoal”.

A aprendizagem é uma fonte de prazer. Prazer de conhecer. Aprendizagem implica também crescimento. Para aprender é necessário ser criativo, é necessário ousar, arriscar experimentar, autorizar-se a conhecer. Uma tarefa é prazerosa quando desenvolvida em espaço de liberdade e confiança, com possibilidades de apropriar-se do produto do seu trabalho.

A possibilidade de pensar, de falar, de ser criativo, independente e livre, vem da articulação das dimensões desiderativa, relacional e racional que constituem o sujeito e é o que impulsiona o aprender.

A impossibilidade de falar, de expressar seus pensamentos pode indicar uma desarticulação nas três dimensões, pobreza de contato com o objeto que, associada à falta de estimulação, pode levar a dificuldades na aprendizagem.

O desejo de alcançar o conhecimento implica um investimento do outro como ensinante. O desejo de aprender se instala de acordo com os investimentos do outro e, conforme a natureza desse investimento, serão as possibilidades de construir as modalidades de aprendizagem.

A aprendizagem é uma construção singular que cada sujeito vai fazendo a partir de seu saber para ir transformando as informações em conhecimentos. Entre o ensinante e o aprendente introduz-se um campo de diferenças, que é lugar de novidade, de criação; portanto, a presença de um grupo empírico em que o aluno possa situar-se entre pares adquire uma grande relevância. Percebemos isso tanto entre as crianças quanto entre os adultos (Fernandèz, 2001, p. 124).

Torna-se difícil a aprendizagem quando não há investimento do outro. Não pode haver investimento quando não há desejo. Quando a criança não se sente desejada, amada, não se percebe como um sujeito significado principalmente em sua dimensão relacional articulada com a dimensão desiderativa.

Toda aprendizagem resulta em alguma transformação, mudança ocorrida no comportamento daquele que aprende. Aprender é tarefa complexa e requer intencionalidade, prontidão, além de um contexto sócio-afetivo, e que se dá em uma situação de vínculo entre o aprendente e o ensinante, levando em conta todo o processo vivido durante o ato de aprender.

4. A dificuldade da aprendizagem do sujeito aprendente

Na interpretação de problema de aprendizagem não se pode generalizar fatos, necessita-se observar o funcionamento conjuntivo e onde está enlaçado e travado no simbólico.

Alicia Fernández assinala três formas possíveis na manifestação individual do problema de aprendizagem: sintomas, inibição cognitiva e dificuldade de aprendizagem reativa.

Sintoma para psicanálise é uma conversão simbólica inconsciente para o corpo que Freud explicou ouvindo pacientes e analisando suas palavras para obter a cura. A partir daqui foi possível começar a pensar nas “formações inconscientes”, sendo o sintoma uma delas. O inconsciente não se manifesta em forma direta, nem se pode se circunscrever ou delimitar, aparece através das fraturas: o “chiste”, o lapso, o ato falho, o sonho, o sintoma. Portanto a manifestação externa de um sintoma, mesmo semelhante a outra de uma causa anatômico – funcional, terá problemas diferentes. Freud chegou a compreender que a manifestação externa passava a simbolizar uma situação reprimida.

O sintoma – problema de aprendizagem expressa o atrape do aprender por desejos inconscientes. Para chegar ao significado do sintoma, vai ser imprescindível recorrer à história pessoal do sujeito.

A inibição cognitiva divide com o sintoma uma etiologia onde o que prima são os fatores individuais e familiares, quer dizer, a articulação do organismo, o corpo, a inteligência e o desejo na história original de um ser humano.

A inibição cognitiva implica uma repressão exitosa, tem a ver com uma evitação. Na inibição encontra-se diminuição, evitação ao contato com o objeto do pensamento. Não é característico da inibição a alteração do pensar, mas o evitar pensar.

A modalidade de aprendizagem na inibição em geral remete a uma diminuição apresentando-se como hipoassimilação/hipoacomodação.

Os problemas de aprendizagem reativo têm a ver com fatores externos à criança ou ao adolescente. O determinante em sua produção tem a ver com o meio externo desmotivador, a má inserção no meio educativo, ou a modificação de certo vínculo ensinante – aprendente.

Poderá superar-se o transtorno de aprendizagem quando se instalar na estrutura interna do paciente o prazer de aprender e se prender a situação externa com significações atribuídas inconscientemente pelo sujeito em reconhecer o seu saber sem ser obrigado a acumular conhecimentos.

Dentre os transtornos de aprendizagem apresenta-se a deficiência intelectual, que não implica necessariamente em um problema de aprendizagem, ainda que possa ser um condicionante na capacidade de compreensão do aprendiz. O grau dessa deficiência de aprendizagem depende de como a família signifique o dano intelectual desse aprendente. Aceitando e respeitando o aprendente deficiente, permitir-se-á que alcance o máximo de suas possibilidades.

Grande parte dos diagnósticos de deficiência do desenvolvimento mental, congênito ou adquirido precocemente, oligofrenia, respondem a uma deficiente observação do investigador. Se essas crianças forem analisadas individualmente e com menos preconceito, pode-se chegar a outras conclusões.

O indivíduo que aprende, pensa sobre o que faz ao aprender; forma, pelo menos, uma noção da natureza geral e do significado deste processo, e ao mesmo tempo adquire alguns sentimentos referentes à atividade: passa a admirá-la ou desprezá-la, a detestá-la ou valorizá-la, e a atividade adquire uma conotação positiva ou negativa, atraindo-o ou repelindo-o.

Em conclusão, não existe uma única causa nem situação determinantes do problema de aprendizagem. Não se encontra nem no orgânico, nem nos quadros psiquiátricos, nem nas etapas da evolução psicosexual, nem na estrutura da inteligência. O que se tenta encontrar é a relação particular do sujeito com o conhecimento e o significado do aprender.

Ao processo de aprendizagem estão ligados aspectos relacionados ao estágio cognitivo que um aprendente consegue operar e as possibilidades de enfrentar as complexidades relacionadas à aprendizagem, assim como os vínculos afetivos que ele estabelece.

5. O sujeito aprendente e o sujeito ensinante

A Psicopedagogia não se coloca no lugar da Pedagogia no sentido de que irá trabalhar com o sujeito cognoscente, o sujeito do conhecimento, nem no lugar da psicologia/psicanálise ao trabalhar com o sujeito do inconsciente, o sujeito desejante. Por outro lado não trabalhará com a soma destas duas instâncias, nem na articulação de ambas, mas num espaço transdisciplinar que surge da fecundação entre sujeito cognoscente e sujeito desejante e que possibilita o nascimento do sujeito aprendente.

Fernández (2001, p.29) diz “que na relação ensinante e aprendente a diferença está na fala do aprendente quando o professor ‘me ensinou’ e quando eu ‘aprendi’, formulação com a qual se conclui toda a aprendizagem”.

Entre o ensinante e o aprendente abre-se um campo de diferenças onde se situa o prazer de aprender; o aprendente necessita reinventar algo existente. É uma experiência de alegria, que facilita ou perturba, conforme se posiciona o ensinante, entretanto, o mais importante do que o conteúdo ensinado é certo molde relacional que se vá imprimindo na subjetividade do aprendente.

A Psicopedagogia busca compreender a subjetividade constituída pelo desejo de saber e pela demanda de conhecimento. Nesta perspectiva, o sujeito em situação de aprendizagem, sujeito aprendente e seu par dialético, o sujeito ensinante, adquirem o estatuto de categorias teóricas que não podem ser consideradas sinônimos de professor – aluno.

Os pais e professores, como primeiros ensinantes podem nutrir e produzir nas crianças espaços para aprender, nos quais o aprender é construtor da autoria de pensamento, ou ainda perturbá-lo e até destruí-lo.

Durante os anos iniciais que permitiram ao bebê constituir-se como sujeito, produziram-se encontros que foram significados em relação às experiências com um outro significativo e que tiveram, portanto, uma função estruturante. Estes encontros com as figuras ensinantes, objetos de amor, que intercederam entre o sujeito em constituição e os objetos de conhecimento são fundantes na construção do sujeito aprendente.

Ao se falar de aprendente/ensinante refere-se a lugares subjetivos, a personagens da trama inconsciente que serão ocupados, vivenciados, construídos pelo sujeito em situação de aprendizagem e que por sua vez projetará no ensinante as formas que tenham tomado essas figuras no transcurso do processo de castração.

Ensinante/aprendente são funções exercidas a partir desta posição subjetiva instaurada pela castração do pensamento, que determina uma modalidade de ensino/aprendizagem fundada na, (e pela) linguagem.

É pela linguagem que o sujeito se apresenta enquanto ensinante/aprendente representando as percepções inconscientes. É pela inteligência que a pulsão se articula ao pensamento sustentada pela representação, ou seja, pela linguagem. O prazer está, portanto, na representação do desejo, na sua simbolização e não na sua realização.

Conclusão

Com a instauração da dúvida o homem passa à condição de sujeito, de ser aquele que deseja, que anseia por descobrir a verdade de sua existência. Desta maneira, quando ele deixa o seio materno e descobre o mundo, entra na cultura, o sujeito passa a desejar, desejar algo que ele não sabe ao certo o que é, e é isto que tentará descobrir o resto da vida. A partir daí, a ciência ganha uma enorme importância para a vida social. O homem que estuda, pesquisa, é aquele que tem uma posição privilegiada dentro da sociedade.

A escola passa a ser o local por excelência de criação e socialização do saber, o melhor representante de todo o percurso entre aprendizagem, conhecimento e educação.

A Psicanálise está chamando a atenção para a necessária dimensão de prazer que a autoridade escola freqüentemente sonega à criança.

A relação dos docentes pode ser pervertida pelo desejo inconsciente do mestre. A intervenção do professor transforma a vontade de aprender do aluno em repulsa. De inteligente, o aluno se torna estúpido e perde a capacidade de falar. O professor encena um ódio sádico, mascarado pela idealização do aluno. Esse ódio manifesta o combate que se trava em todas as características de uma matança do aluno, jogando o professor um amontoado de ignorância. A escola é um lugar de fabricação da neurose.

Na Psicanálise, é citado que a dificuldade da aprendizagem nas escolas vem de problema primário de relacionamento que se estabelece entre pais – filhos, educador – aluno, ensinante – aprendente, que se o ensinante não compartilhar o conteúdo com o indivíduo que ele atua e não houver troca afetiva, vai interferir no aprendente o desejo de alcançar o saber através do prazer de aprender. Freud aborda que a busca da criança quando quer aprender algo depende da razão que motiva a busca do conhecimento. A Psicanálise auxilia o psicopedagogo a dar um significado maior ao vínculo e à relação com o indivíduo com quem ele atua.

O artigo proporcionou a percepção dos processos que interligam os problemas de dificuldades na Educação. Embora a investigação tenha se conectado entre Psicanálise e Psicopedagogia, as questões levantadas podem ir além das respostas mencionadas.

A Psicopedagogia é uma *práxis* e, como tal, é capaz de provocar uma transformação possibilitando a instituição escolar e aos alunos uma melhoria das condições de aprendizagem, possibilitando reverter situações dramáticas no desempenho das escolas brasileiras.

A abordagem que a Psicopedagogia põe em prática nas escolas é de criar novas respostas para os velhos problemas educacionais que têm-se mostrado permanentes até os dias atuais.

O foco da investigação é, sim, demonstrar o quanto é possível as ciências trabalharem em interdisciplinaridade, trazendo contribuições de valores culturais e históricos à Psicopedagogia.

Referências bibliográficas

Andrade., M. S. (org). (2002). *O prazer da autoria: a Psicopedagogia e a construção do sujeito autor*. São Paulo: Memnon.

- Bacha, M. N. (2003). *Psicanálise e Educação: laços refeitos*. (2ª ed). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bossa, N. A. (2000). *O prazer de conhecer*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fernández, A. (1991). *A inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fernández, A. (1994). *A mulher escondida na professora*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fernández, A. (2001). *O saber em jogo: A psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Kupfer, M.C. (2001). Limites e alcances de uma aproximação entre psicanálise e educação. In: Kupfer, M.C. *Educação para o futuro: Psicanálise e Educação* (2ª. ed). São Paulo: Escuta.